

Clarice Lispector — A Recuperação da Palavra Poética

BELLA JOZEF*

1 - INTRODUÇÃO

A literatura pode ser considerada como uma recriação que o escritor faz de si mesmo, das memórias gratas e cruéis que pesam nas recordações, pesadelo e consciência dolorosamente misturados. A personalidade do narrador é o princípio da unificação dinâmica: um conjunto de experiências vitais, de preferências, a consciência que concebeu determinados conjuntos semânticos em determinadas relações, utilizando-os numa atividade criadora premeditada, elaborando uma pluralidade de mundos habitados, significativos *per se*.

A visão da realidade internalizada pelo autor (a ideologia) codificam a realidade e a linguagem de uma nova maneira, como assinalou William James: A escritura é um ato de dupla leitura: dos possíveis literários (escolha, atualização e questionamentos de um modo da escritura) e leitura da realidade externa ao texto (referenciação arbitrária de uma maneira individual ou grupal de percepção do existente).

*Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A conscientização da realidade produz-se através da linguagem. Por meio desta, célula propulsora da experiência imaginária, o discurso do silêncio se produz. Temos, então, a palavra secreta, "como despedida de adeus"¹, o momento em que nada existe, antes de ser aprisionada pelo pensamento, "quase à margem de não ter sentido"² (p. 92), algo como recuperar as ressonâncias originais para adquirir toda a potencialidade de sugestões. É nosso intento percorrer a trajetória da obra de Clarice Lispector tentando analisar a correspondência estabelecida entre o mundo das coisas reais e presentes e o das palavras não só para extrair da linguagem os mais surpreendentes efeitos da palavra, mas para estender o domínio da linguagem nesse olhar do interior para fora.

2 - UMA VISÃO DA EXISTÊNCIA

No chuvoso e melancólico 9 de dezembro de 1977 morreu Clarice Lispector, em pleno auge de sua criatividade, quando ainda se podia esperar muito desta artista, cuja obra é das mais renovadoras que se produziram na América Hispânica. Consciente de seu fazer literário, Clarice Lispector criou uma expressão própria e precursora e abriu novos rumos à literatura brasileira, incrementando, ao lado de Guimarães Rosa, o processo de desestruturação da narrativa tradicional no Brasil.

Após 1940, a ficção enfocou duas linhas mestras: a visão subjetiva do mundo e o documentarismo ou cópia fotográfica da realidade. Entre ambas tendências, segundo o que havia sido iniciado em 1922, a experimentação de novas técnicas configurou novos meios de expressão.

Oswald de Andrade, um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922, colocou Clarice entre as "altas cogitações estéticas da Semana". A partir do seu livro de estréia — **Perto do Coração Selvagem** (1944) — "o modernismo foi remodelado", segundo Alceu de Amoroso Lima.

3 - O MUNDO E O UNIVERSO: ESSÊNCIA E APARÊNCIA

O mistério se estabelece e cada imagem encerra um enigma, o que a faz reconduzir ao significado originário. A estrutura não se esgota na estrutura; esta é de certo modo uma metáfora da estruturação que interveio para conseguir uma forma que tenta conter a infinidade do significante. A ficção recupera, assim, uma realidade perdida e rompe com uma existência massificada. A narradora faz atravessar as aparências de que o cotidiano se veste para disfarçar a mentira que o sustenta. Redescobre os múltiplos sentidos que o gesto humano mais elementar possui, contra a hipocrisia que reduz este gesto à caricatura do que ele deveria ser.

3.1 - PELA PRIMEIRA VEZ, O RESGATE DAS PALAVRAS EM SUA ORIGEM

Em 1944, *Perto do Coração Selvagem*³ trazia novos elementos para a prosa narrativa no Brasil. Fala-se do romance com uma mescla de deslumbramento, incredulidade e reverência. As palavras são resgatadas na virgindade de seu primeiro surgimento e as coisas surpreendidas no ato de observá-las. O romance vai-se despedaçando ao tentar abrir caminho, destruindo-se ao fazer-se. Mas não é um esforço afetado, com ares de presumida novidade: dá-se desbaratado o que vai nascendo desbaratado. E os goles de linguagem em perpétua gestação são como ondas rompendo-se contra a evidência de que ordenar e classificar é também destruir. Desta maré de ebulições, desta ruptura apaixonada de palavras, nasce um tremor de poesia.

Joana é a primeira de uma longa série de personagens femininos. Abandonando a análise psicológica do romance tradicional, a sondagem introspectiva leva a uma temática da existência.

3.2 - A ANGÚSTIA EXISTENCIAL

No segundo romance, *O Lustre*⁴, a morte é o elemento principal. Caminha-se da infância até a morte da protagonista, Virgínia. A narrativa se interioriza e os fatos são filtrados através de uma consciência. A captação da realidade pela experiência psíquica faz

do interior o eixo principal dos romances de Clarice Lispector.

É uma terceira pessoa que sonha como primeira, pelo tom de confissão intimista e subjetiva. A grande cidade é o lugar da solidão, daí a busca interior: **A Cidade Sitiada**⁵, terceiro romance, para muitos, o melhor da autora. Trata-se da crônica de um subúrbio em crescimento, São Geraldo, na década de vinte. Dentro deste marco de objetividade acompanhamos a luta de Lucrecia Neves por sua plena expressão. Caprichosa, deseja possuir coisas, **status**. Como as ambiciosas jovens de São Geraldo, espera que o dia de seu casamento a liberte. Casa-se com Mateus e vai para a metrópole. Cai em outra realidade mais avançada. Mas estar dentro da cidade é estar cercada do vazio terrivelmente físico. Com a morte do marido volta para São Geraldo. A pequena cidade — agora já desconhecida — transforma-se devido ao carvão e o ferro. Os habitantes, como a protagonista, perdem-se "essa dura verdade do sol e do vento, e de um homem andando e das coisas postas". Com o aparecimento de outro bom partido foge em uma nova busca. Neste painel da vida urbana há um olhar de dentro para fora: o mundo subjetivo criando a atmosfera.

Os personagens de Clarice são caracterizados por atitudes filosófico-existenciais, vivendo situações de conflito, que podem repetir-se em algumas narrações. Assim, Lucas é o antecedente de Lori, de **A Aprendizagem** ou **O Livro dos Prazeres**, em busca do momento de revelação.

O ritmo lento, contrastado com o movimento das grandes cidades, faz com que a situação de conflito seja efetiva com o crescimento do subúrbio, quando a protagonista não se encontra e se busca, tentando criar o espaço de liberdade. Nenhuma descrição direta se processa e novamente "a aparência era a realidade". É uma existência inacabada a da protagonista. Com esse romance começam os índices de uma problemática da transcendência. A protagonista chega à conclusão de que nunca chegará ao fim porque se encontra imersa no que necessitaria observar a partir do exterior.

3.3 - A PRISÃO DO INDIVÍDUO

A consciência individual é o umbral originário da relação entre o sujeito-narrador e a realidade. Em **Laços de Família** (1960)⁶ reúnem-se seis contos inéditos e seis publicados com o título de "Alguns contos" (1952). Neles, a narradora busca um registro do processo de encarceramento dos indivíduos através dos "laços de família", de sua "prisão" doméstica. Tais formas convencionais e estereotipadas são ritualmente repetidas de geração a geração, como um preconceito, sem que se tenha consciência de sua validade. Os personagens movem-se em um ambiente familiar. Mas, em **Clarice Lispector**, a família não é pretexto para a análise de relações pai-mãe-filho ou para conclusões sociológicas, nem sequer para a discussão dos costumes. Ela surpreende o comum da situação e observa por trás do cotidiano o advento de uma inusitada revelação, uma realidade que aturde. A tensão conflitiva se declara subitamente e estabelece uma ruptura do personagem com o mundo. A velha de "Feliz aniversário" cospe no chão, cheia de ódio, quando vê, colérica, os filhos adultos, reunidos ao seu redor, como ratazanas, para festejar o dia de seu aniversário. Nestes contos reitera-se uma e outra vez uma aventura fascinante: a invasão de uma dimensão desconhecida no cotidiano. Homens e mulheres comuns percebem subitamente que algo tremendo surge diante de seus olhos, desde as coisas mais triviais. Esse encontro com algo cujo nome se ignora revela a estes seres abismos e profundidades que os distanciam deles mesmos e dos demais. Com uma prosa de admirável sutileza, Clarice Lispector analisa todas essas consciências levadas a uma situação extrema e as projeta além de si mesmas, do tempo e do espaço, até um âmbito onde se unem o impossível e a mais luminosa realidade.

3.4 - A APRENDIZAGEM DA VIDA E DO AMOR

Consideramos que com **A Maçã no Escuro**⁷ (1961) abre-se um novo ciclo na ficção clariceana. Talvez esta alegoria da condição humana tenha sido o mais ambicioso de seus livros. Um homem, **Mártim**, engenheiro, cometeu um crime. No momento em que o conhece-

mos, ele está escondido em uma fazenda perdida, em algum lugar "no coração do Brasil", de onde foge com medo de ser encontrado. Anda sem rumo por uma planície deserta, "um grande vazio ensolarado". Essa fuga cria uma divisão entre o passado e o presente. Sua caminhada é sem cessar interrompida pelos encontros que faz com o mundo natural: árvores, pássaros, riachos... Graças aos quais começa a compreender não quem é ele, mas o que havia sido sua vida e o que poderia ser: "Domingo era o primeiro dia de um homem. Nem mesmo a mulher havia sido criada". Compreende que seu crime fora uma libertação, a ruptura de uma vida sem verdade; compreende que a única coisa que havia feito até o crime era "imitar a inteligência", enquanto que com ele, fez pela primeira vez a experiência de uma "inteligência imediatamente eficaz"; compreende que quase nada, sendo incompreensível, "não compreender nos entrega o mundo". Sua fuga o conduz a uma fazenda dirigida por uma mulher, Vitória, intelectual e cidadina. Embora ele inspirasse certa desconfiança, ela lhe dá um emprego.

Ermelinda, jovem viúva, que representa a insegurança do sentimento, apaixona-se por Martim: será a chave para sua consciência, seu lado dialético. É o encontro simbólico com a mulher. Martim, que acabará por ceder ao chamado do feminino, continua reaprendendo o mundo e reconquistando uma linguagem: a linguagem que havia sido a sua, o outro aspecto das convenções da sociedade, e que havia desmoronado ao mesmo tempo que violava as regras desta sociedade. Com uma aceitação de doce ironia, Martim deixa-se aprisionar pelos policiais que o reconhecem, ajudados por Vitória. Sua mulher, que o enganava e que acreditava estar morta, sobrevive. Eilo recuperado, qualificado, classificado, "havendo chegado a si mesmo", já não necessita fugir.

Nesta visão poética de uma história de punição e retribuição, Clarice Lispector consegue unir a ficção e a prosa, a poesia da palavra. A maçã, embora escuridão, assenta-se na densidade. Em toda ação humana há uma aprendizagem de vida e de amor.

3.5 - EM BUSCA DO AUTO-CONHECIMENTO

Em *A Paixão Segundo G.H.*⁸ (1964) a trama se resume no encontro de uma dona de casa com uma barata, no quarto da criada, que acaba de deixar o trabalho. A mulher mata o inseto e o come. Este episódio é o ponto de partida para uma reflexão de mais de duzentas páginas sobre o encontro do ser humano consigo mesmo e seu nascimento para a vida. O diálogo é abolido, a meditação metafísica e a introspecção, únicos objetos do narrador, têm como início a presença de uma barata. Cada capítulo começa com a última frase do precedente, criando a continuidade da narrativa. Depois da ruptura que representa o encontro, G.H. começa a questionar sua vida. Avança com suas dúvidas e seus medos. A figura da protagonista vem dissolvida, substituída por um interlocutor imaginário. Ao longo do romance, em que se tende a apagar qualquer fronteira genérica, surpreende-nos uma voz confusa, cega, hesitante, abandonada ao seu incessante delírio, que desce aos mais sombrios abismos da consciência, tateando as sinuosidades da imaginação criadora ou submergindo no lodo do pesadelo para corroborar sua versão trágica da condição humana. É a voz de uma mulher oprimida por uma obsessão interrogativa cuja finalidade ignora, embora a reconheça inerente a seu próprio ser; é o monólogo de uma mulher solitária com um desafio íntimo. Sem dúvida o mais grave que pôde enfrentar no transcurso de sua experiência existencial: prevalecer sobre a repugnância e a humilhação, enxertar-se em uma ordem que, prescindindo da beleza, permita-lhe assumir sua natureza animal e conquistar suas reais dimensões, uma ordem que a condene ou a redima, esta mulher solitária, fechada entre os muros de seu apartamento e no horizonte da cidade; "Quero saber o que, perdendo, ganhei. No momento, não o sei: somente fazendo-me reviver é que irei viver. Mas, como fazer-me reviver? Como, se perdi a linguagem natural? Vou necessitar, como se criasse o que me sucedeu, fabricar-me uma linguagem?"

O presente se expande, mostrando a natureza abismal e ameaçadora do cotidiano que se crê haver aprisionado. A meditação conclui com a adesão do silêncio e a renúncia da linguagem.

3.6 - A APRENDIZAGEM DA VERDADEIRA DIMENSÃO DO REAL

Em 1969 Clarice Lispector publica um romance, verdadeiro **puzzle** de flagrantes estados de espírito, monólogos interiores, referência a fatos triviais, inquisições parafilosóficas, digressões patéticas, descrições de intensa motivação lírica, exercícios de composição de vocábulos, numa prosa sugestiva, brilhante, hermética. Chama-se **Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres**⁹. Começa no meio de uma frase e dirige-se diretamente ao leitor em uma nota inicial e citações em epígrafe. Na nota se afirma a superioridade do livro em comparação com seu autor ("Ele está muito acima de mim") e concede-lhe existência e vontade própria ("Este livro pediu uma liberdade tão grande que tive medo de dar"). Esta é a idéia central de toda a obra de Clarice Lispector: a indivisibilidade de forma e conteúdo, a correspondência entre a busca existencial e um novo modo de escrever. Se escrever quis dizer, para Clarice, viver, escrever sem estilo, como aspira Ulisses, não é somente afirmação de uma poética, mas conquista existencial contínua. Significa adquirir, ainda da parte do narrador, a existência contínua, em contato permanente consigo mesmo e os demais, alcançando, no final, Loreley.

Parece assinalar uma abertura de Clarice à realidade; um passo saído do interior para o exterior, narrativamente evidenciado pela forma dialógica, em contraposição à narração monocêntrica das novelas anteriores, enfocadas na experiência interior do personagem. Ao contrário de Joana ou Virgínia, que fogem da realidade, Martim, Lori e Ulisses conseguem encontrar-se e recuperar sua verdadeira dimensão real. Lori sabe, no final, que para ultrapassar seu "medo de uma impossível intimidade com a alma" terá que descer outros degraus para enfrentar o amor, o eu, a morte e o absoluto. Os humanos buscam a responsabilidade de uma vida na dor e no prazer, sobretudo Lori. Busca o contato com a natureza e a "fisicidade" é um elemento constante: "Ela se comia internamente, cheia de sumo vivo que era". Essa volta à natureza é importante no processo de conhecimento e auto-realização. Sem passado, não há acúmulo de informações: tudo se conclui no presente.

3.7 - AINDA O COMPROMISSO COM A REALIDADE

Uma antologia de contos, **Onde Estivestes de Noite**¹⁰, foi publicada em 1974, narrados em primeira pessoa, em uma linguagem carregada de poesia e mistério, abismo e redemoinho. Muitas vezes não são contos, mas reflexões filosóficas, de ação introspectiva, transmitindo-nos a solidão, a angústia, o desespero e o medo de nosso tempo. São os grandes temas da autora pontilhados de traços irônicos, de humor, num processo de distanciamento crítico, espécie de ir e vir que desfaz e refaz o próprio texto que se interroga sobre o mistério da criação, aprofundando o questionamento da existência em seu estado puro.

O instante que passa é captado tenso e densamente ("é no vazio que se passa o tempo"), por uma alma angustiada e trágica, digna descendente dos profetas bíblicos. Em seu discurso processam-se sínteses poderosas e, ao mesmo tempo, barrocas, numa prosa densa, que se encharca de palavras e ânsias, deixando-se conduzir pelo inconsciente que domina a narrativa e a impregna de subjetivismo. Mas é um subjetivismo todo especial: o da busca do **eu** e de sua profunda intimidade, em vez de falar diretamente de um **eu** superficial.

Como em suas obras anteriores, embora cada uma acrescente novos aspectos, também nesta há um compromisso entre o homem e sua realidade. Mas não se trata de uma realidade externa: Clarice investiga o interior dos seres, dentro de uma linha intimista. São indagações sobre o ser e a existência, em que palavras e coisas perdem seu contorno material, palpável e alcançam uma dimensão incorpórea: "anti-literatura das coisas", em que "ser já era um fazer", que lhes tira a superficialidade e as torna essenciais. É precisamente essa busca de essencialidade que marca **Onde Estivestes de Noite**, esse desejo de encontrar palavras que expressem pensamentos mais profundos, com a lucidez da incoerência e o saber seguro, de quem deseja ver a partir do exterior, como Angela, personagem que reaparece em outras obras. Os personagens são surpreendidos no instante de insatisfação, da náusea geradora da crise, perdidos no labirinto de sua **via crucis**, envelhecidos e pungentes, apanhados na armadilha da morte (ou vida?), no corpo e na alma, através dos episódios que conformam uma existência.

3.8 - A ÁGUA VIVA DA EXISTÊNCIA

Um dos livros mais fascinantes de Clarice Lispector é **Água Viva**¹¹ (1973). Não é um romance no sentido tradicional ("Isto não é história porque não conheço histórias assim"), mas uma criação cósmica, um espelho humano de infinitos reflexos, algo assim como um poliedro numa imagem plana. É talvez a novela do futuro, uma história transparente da alma e da condição humana em estado puro. Aqui, a criação literária liberta-se do episódio, surgem somente vivências nítidas e sedutoras que adquirem o relevo de personagens. Este é um livro que, como toda obra de arte verdadeira, traz uma mensagem para cada fruição e renova a riqueza de seu significado a cada contato. **Água Viva** descobre um caminho e consegue, numa poderosa síntese, abarcar toda a angústia e todos os temas entre os quais o homem contemporâneo se debate. Encontramos a mais longa reflexão sobre a eclosão de uma escritora. O texto, escrito por uma mulher, fazendo-se, é uma longa carta cujo destinatário, um homem amado, serve de ponto de apoio para a composição. A mulher sente em si mesma um novo nascimento — o seu — porque este nascimento é uma liberdade — nenhum cordão umbilical a une a nada ou a ninguém —, deixa à frase o maravilhoso da alegria. É a alegria de sua nova liberdade e também a alegria de descobrimento do prazer de escrever. Escrever é sua maneira de ser, "a palavra é a minha quarta dimensão".

Sem tema e sem personagem, somente assim uma mulher cumpre seu papel a um invisível interlocutor com quem se comunica através de uma extensa correspondência. Desce até a própria essência do ser, que monologa para encontrar uma explicação, para definir-se e para aclarar seu panorama interior e exterior e para unificar-se na condenação ou na absolvição, por sua riqueza de valores expressivos, um estilo descarnado e cheio de sugestões, representa a alma e a condição humana, exaltando a liberdade criadora.

3.9 - A ETERNIDADE DA ESTRELA

Um dia declarou que "a morte é meu personagem predileto neste livro". Referia-se a **A Hora da Estrela**¹² (1977), publicado pou-

cos meses antes de morrer. O narrador, Rodrigo S.M., em primeira pessoa, enuncia o propósito de escrever a história de uma nordestina, cujo nome nem sabe sequer. É uma pessoa humilde, fruto da mistura do "que" com "que", para quem "possuir um futuro era um luxo". Dirige-se a um leitor tratado por vós, que acaricia com promessas de levar o destino de Macabêa, a nordestina, ao final consagrada à felicidade do possível.

Escrever é para o narrador a vida e nos adverte desde o começo: "Enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas, continuarei a escrever". O sim final e o inicial são como o início e o fim da vida, "pois na hora da morte alguém se torna uma brilhante estrela de cinema, é o instante de glória para cada um e é como no canto coral se ouvem agudos sibilantes". É um **gran-finale** seguido de silêncio e de chuva caindo.

3.10 - UM SOPRO DE PLENITUDE

Escrito entre 1974 e 1977, publicou-se postumamente **Um Sopro de Vida**¹³ (1978). Em nenhuma outra obra a presença da música é tão forte na própria construção da linguagem. "Ele é tocado ao piano delicada e fortemente e todas as notas são límpidas e perfeitas, umas separadas das outras".

O personagem-autor, com a insegurança que fecunda a atividade intelectual, comenta o que escreve o personagem-criatura Angela. Este é o sopro da vida que o autor, fugindo à solidão, imprime a um personagem, que escreve sem saber que é ficção, criação alheia, obra de um demiurgo oculto.

A libertação dos nexos familiares e sociais vai proporcionar a Martim (de **A Maçã no Escuro**) a conquista da linguagem e a reinvenção como homem. Este encontro vai-se processar nos contos de **A Legião Estrangeira** (1964): o ir-sendo liga-se com a noção de finitude irreversível no tempo, o ser toma consciência de que caminha para o nada existencial.

A noção da racionalidade, do real convencional, passa a ser questionado nas relações humanas contraditórias, e um clima de dúvida e perplexidade se forma pela crise da linguagem da obra que,

ao contestar-se, contesta as convenções que a possibilitaram, relacionando os elementos constitutivos da narrativa de uma nova maneira, considerando as palavras como forças essenciais. A literatura quer-se também realidade. Busca os valores de um mundo axiológico real deslocado e oculto pela irreabilidade do mundo oficial. O estereotipado e o aparente o presidem. A institucionalidade oculta, o "rumor da vida".

O critério de redução do conhecimento ao estritamente empírico alienou o homem. O ser humano foi separado de um mundo que sente e percebe ligado à sua existência mas irreduzível a fórmulas científicas. Os que percebem outra alternativa devem persegui-la, alcançá-la e possuí-la para poder **ser**. Daí que, para Clarice, "ser é o princípio unificado de tudo". **Um Sopro de Vida** é a luta entre o ser e o existir. A narradora quer captar a intuição e submetê-la ao controle da razão. Seu texto, diante de si mesmo, cria-se a cada passo, entre o falar e o dizer, que conduz do silêncio ao silêncio.

O imanente (ou realidade empírica) transcendentaliza-se em termos de significação. Sofre o dilema platônico entre aparência e essência, buscando esta pelas aparências reveladoras. Seu esforço em alcançar a essência se traduz na tentativa de decifrar o enigma da vida encoberta pelas convenções. Esta busca da realidade total, o desejo absoluto dentro das condições do relativo, determina o acúmulo de contrários, a não-causalidade. Entre racional e instintiva, quer entender o próprio entendimento (p. 49), em plena comunhão com o mundo, fusão de corpo e alma que institui a ambigüidade. Assim como é livre para sentir, quer ser livre para racionalizar (p. 50). Mas ao pensar se esvazia (p. 51), a intimidade se esvazia com as idéias (p. 53). A "fusão do corpo e da alma", síntese intuitiva, era a aspiração surrealista que se contrapõe, em Clarice, a um distanciamento crítico que aniquila e anula a síntese.

A intuição de "algo" que escapa ao empírico causará na escritora um sentimento de estranhamento diante do cotidiano. Possui-o e o transcende. A transcendência é liberdade e libertação, realizada e conseguida a cada instante, num eterno devir. Detectando as contradições crescentes da sociedade atual, volta-se para

o passado ou o futuro como possibilidade de salvação. "O futuro é um passado que ainda não se realizou" (p. 50). Nesse sentido aproxima-se de Walter Benjamin no que afirmou de Breton: "A obra de arte só tem valor na medida em que ela é atravessada pelos reflexos do futuro". A dimensão temporal é reduzida no efeito momentâneo da palavra. As palavras, em **Um Sopro de Vida**, geram novas significações sob formas antigas. Os clichês são usados como ponto de partida ("o pai nosso de cada dia", "em mares nunca antes revelados", "sem aviso prévio", "higiene mental"). Revitaliza formas inertes, aludindo a uma cultura, embora renegando-a. Situa-se no espaço intertextual de outros discursos ou o seu próprio (em outras obras), o que supõe a existência de um código que é questionado, criando-se um espaço textual múltiplo.

Tudo já está no cotidiano que nos rodeia e se impõe, é necessária a intuição para descobrir novas realidades "o enigma intangível em seu núcleo mais íntimo", o que é, sendo. Constata que "já está gasto o pensamento da palavra" (p. 70), quer começar a partir de um começo que não tenha vestígios de qualquer hábito (p. 70). Diante da insuficiência do mundo conhecido pela lógica e regido por ela, as palavras fundam nova realidade. Na ironia do texto fica implícita a crítica à realidade transfigurada, restitui os mecanismos lógicos de um pensamento que, ao mesmo tempo, sabe descobrir as licenças da imaginação. A ironia implica, mesmo a participação de determinado código, uma conformação mental similar à do leitor, cujas estruturas dependem de um acontecimento comum.

As palavras de **Um Sopro de Vida** não informam, aludem, são instrumentos de sugestão, o que as valoriza e enriquece a significação conceitual do signo. Mas, para conhecer, a linguagem se faz lúcida. O jogo é a confirmação da característica supralógica da natureza humana e a literatura é um jogo. Na tessitura do imaginário, além dos limites da racionalidade, a realidade ganha um significado. A compreensão do irracional se faz pelo avesso ("a sombra é o avesso do certo"), possibilidade de proposta de novas convenções que se distanciam do nível aparential. O mundo é descoberto pelos seus avessos, o ir real e o mágico o reelaboram. A apropriação dos fundamentos da realidade se dá pouco a pouco, como o fluir do sangue nas veias, o tempo descobrindo o universo ilimitado onde a realidade e a imaginação não são contraditórias. A ir-

realidade transfigurado.

Mas "uma palavra é a mentira de outra" (p. 87), e para que ela exista, liberta do congelamento racional e nomeando o mundo, outra deixou de existir. Além disso, é incapaz de esgotar a expressão da realidade. O artista vive em suas obras, que são seu reflexo. Este, em Clarice Lispector, é mediador do desdobramento da consciência de si, quando a identidade se transforma em alteridade. Despojando-se das palavras, "o encontro do eu com o eu" (p. 65), o personagem constata "o encontro da vida com a identidade" (p. 68). O autor se desdobra em autor e Angela (p. 47), vendo-se e vendo-a, **alter ego** que divide as angústias ("eu me respiro", "Ela sou eu", "de mim para mim mesma").

Nesta última e definitiva obra de Clarice Lispector há um despojamento total ("o difícil é ficar com a alma nua", p. 67), nessa espécie de diário de uma criação onde indicou impressões, definições, descrições. O motivo principal é escrever, ato mágico e misterioso, que conota novas realidades. A necessidade de escrever, "para fazer existir e existir" (p. 94). Classifica-o "não-memórias, agarrou o ato de criar no mesmo momento da criação". Ninguém o soube expressar tão bem como Clarice: a chispa mágica, "o relâmpago da inspiração", não em palavras, mas pelo silêncio.

Podemos considerar nesta obra dois aspectos que sintetizam e abarcam os demais: a solidão e a questão de ser, do sujeito que a atividade literária implica e a relação entre o ato de escrever, a linguagem ou a realidade e o imaginário. Uma nova concepção da função da linguagem faz com que o *significante* se converta em função primordial na produção do sentido, com novas possibilidades de significação. Como símbolo representativo de uma herança cultural pertencente a uma coletividade, a linguagem é questionada em seu caráter convencional enquanto instrumento expressivo, assim como a convenção do que se aceita como sendo realidade. Para isso, há uma desintegração da estrutura da ficção mimética (na descrição dos objetos, por exemplo, "Bombo" (p. 108), "Estado de coisas" (p. 109), "O indescritível" (p. 111), "A casa" (p. 112) e outros, através da carga emocional do irracional. Há relações inesgotáveis entre as coisas: a única realidade é a convenção dado o caráter convencional da linguagem. A unidade é conseguida enquanto signi-

ficção e não enquanto representação. São possibilidades para uma síntese abrangente (ou visão totalizadora) em contraposição à fragmentação de uma época e à sucessão da linguagem.

Estabelecendo uma nova ordem, o artista impõe sua liberdade afirmando seu papel de gerador livre dentro da realidade coercitiva, como dono de suas próprias iniciativas.

O personagem Angela é um ser forjado pela palavra. Luta por sua realização individual e leva às últimas conseqüências uma atitude que é resultado de uma escolha mais submetida a forças irracionais. Não prevalece a hierarquia que separa o autor e a criatura de sua própria indagação existencial. A obra de arte repete, assim, o ato criador, na tentativa de provocar o encontro entre o criador (autor) e sua criatura (Angela), o instituidor e a coisa instituída. O leitor, cúmplice e aliado, por sua leitura decifra a escritura e também a realiza. A participação do leitor é despertada para que a sua passiva função receptora tradicional fique implicada em uma atividade de características dialógicas para senti-lo como interlocutor, próximo à sua criação. Clarice estabelece relação direta entre autor e leitor, observando o narrador ironicamente debaixo de sua máscara. O narrador passa a ser um eu fictício, comprometido com a obra como mais um personagem. Embora o foco narrativo seja definido, o clima é de indefinição: a primeira pessoa contribui para um maior envolvimento, ao mesmo tempo que é questionadora pela ironia empregada. A objetividade (ou objetivação de um espírito individual) é conseguida pela distância crítica em oposição ao subjetivismo da primeira pessoa. Nas primeiras páginas, ao exibir sua posição diante do mundo, o autor não faz concessões, tem intervenção constante na ordenação do caos. Distancia-se dos padrões estabelecidos, indo de encontro à essência do *homo fictus*. O leitor abandona as convenções captando a maravilha da criação que é esta invenção com palavras. **Um Sopro de Vida** é a metáfora do ser em seu desejo de transcendência que, para a escritora, é o escrever, já que a criatividade é a única maneira de salvar a realidade: "Não consigo imaginar uma vida sem a arte de escrever ou de pintar ou de fazer música" (p. 82).

4 - CONCLUSÃO

A dissolução do ficcional, marca da modernidade, fez com que o escritor problematizasse, ao mesmo tempo, o objeto da narrativa e o sentido da realidade. Para possuir o real, é necessário criá-lo. Graças à linguagem da arte, o real fala de si mesmo. Narrar é narrar-se através do imaginário na tensão da palavra e da não-palavra. A escritura finge ser o real, se disfarça para encobrir o que é, corromper o codificado, perverter o estabelecido. A palavra poética é sobretudo transgressão e estabelece, no ato de escrever, a distância entre o desejo e o universo. Clarice Lispector demonstra que a cena literária é, por definição, ficcional, que seu universo se constrói no imaginário.

Possuindo singular visão do mundo e técnica narrativa que se aperfeiçoou cada vez mais, de obra coerente e motivação nuclear a que sempre se manteve fiel, de cunho ontológico, Clarice Lispector desdobra-se sobre a vida interior de seus personagens, dinamizando seu universo, reduzindo a intriga, preocupando-se com o "estar no mundo" e a problemática da existência: o ser humano em seu esforço por transcender-se, na busca do relacionamento com os demais e as coisas que o rodeiam, na ênfase que põe à impossibilidade de comunicar-se. A falsa segurança das vidas e o que seria o "desequilíbrio" — em verdade, a vida real —. O instante existencial em que os personagens jogam seus destinos evidencia-se por uma revelação interior. Ao surpreender este instante revelador, há um momento de lucidez plena em que o ser descortina a realidade íntima das coisas e de si mesmo. Clarice emancipou o autor de sua identidade num empreendimento de autenticidade criadora. Incrementou o processo de desestruturação da narrativa tradicional, considerando as palavras como forças essenciais. Seu virtuosismo de síntese expressional, o caráter encantatório da linguagem, perseguem o indizível, cheio de mistério e sugestão. Clarice Lispector considerava escrever uma aprendizagem, e dizia fazê-lo para entender melhor o mundo. Seus livros não se preocupavam com o fato em si, mas com "a repercussão de fato no indivíduo, com o reflexo da realidade nas pessoas".

É a palavra devolvida ao seu estado poético rudimentar. Com uma linguagem de simplicidade enganadora, a soma de palavras co-

mundos é um correlato, ao nível da linguagem, da opacidade do mundo. Existe uma correspondência entre os objetos do mundo e a consciência que tenta apropriar-se deles. Este é um dos traços da modernidade desta obra inquietante, com uma estrutura de rigor, de síntese expressional. Mas o que quer dizer é sutil, o acesso é minucioso. "Se escrevo — confirma por um dos personagens — é porque absorvi o espírito da língua. Às vezes a forma faz o conteúdo". Em trinta e sete anos de profundo e sofrido trabalho de criação literária, Clarice Lispector elaborou uma expressão própria, com as angústias, alegrias, sentimentos humanos, a metafísica das pequenas coisas vividas na carne.

A arte surge como "busca de uma realidade sonhada" e como "um vôo vertiginoso". "A criação — afirma Clarice — não é uma compreensão, é um novo mistério"¹. Foi uma vida severa e austera, em que o "eu" se refugiava, evitando confundir falsas moedas com moedas verdadeiras. Intuitiva, sensível, de aguda percepção, Clarice Lispector revolucionou o dizer da literatura brasileira, abrindo-lhe novos caminhos, dentro de uma linha intimista, marcada por intensa força interior e uma voz inconfundível. Realizou uma obra definitivamente incorporada ao nosso patrimônio cultural, que aumentará de importância à medida que seja mais bem conhecida.

Clarice Lispector realizou uma viagem dentro de si mesma para surpreender a condição humana num instante crucial e revelar a *solidão do ser em todas as suas dimensões*. A ficção recupera, assim, uma realidade perdida e rompe com uma existência massificada, numa aprendizagem de vida e de amor.

NOTAS

¹LISPECTOR, Clarice. *Um Sopro de Vida*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978.

²Idem, p. 92.

³LISPECTOR, Clarice. *Perto do Coração Selvagem*. Rio de Janeiro, A Noite, 1944.

⁴———. *O Lustre*. Rio de Janeiro. Agir, 1946.

⁵———. *A Cidade Sitiada*. Rio de Janeiro. A Noite, 1949.

- ⁶LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1960.
- ⁷_____. **A Maçã no Escuro**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1961; 4.ed., Ric de Janeiro, Paz e Terra, 1974.
- ⁸_____. **A Paixão Segundo G.H.** Rio de Janeiro, Edi. do Autor, 1964.
- ⁹_____. **Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro, Sabiã, 1969.
- ¹⁰_____. **Onde Estivestes de Noite**. Rio de Janeiro, Artanova, 1974.
- ¹¹_____. **Água Viva**. Rio de Janeiro, Artanova, 1973
- ¹²_____. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1977.
- ¹³_____. **Um Sopro de Vida**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978 (póstumo).
 Uma parte da análise deste romance saiu publicado em **O Jogo Mágico**, de Bella Jozef (Rio de Janeiro, José Olympio, 1980), p. 36-40. Sobre outros aspectos de Clarice Lispector, consulte as p. 32-35 do mesmo volume, não reproduzidas no momento. Também na Revista **Iberoamericana**, (98-99), janeiro-junho 1977, p. 225-231, há outro trabalho nosso sobre Clarice.
- ¹⁴JOZEF, Bella. "No 5º aniversário da morte de Clarice Lispector". **O Globo**, 29 caderno, 8-12-1982, p. 32.

